

**Com letra
e
com cor**
**poesia reunida
com imagens**



**Carlos
Rodrigues
Brandão**



Era o inesquecível de repente

João Guimarães Rosa
Os cimos - Primeiras estórias

Só o cintilante instante sem futuro nem passado: o beija-flor

o mesmo João Guimarães Rosa
*Ave Palavra*¹

***Sobre a escada um dia eu vi
Um homem que não estava ali;***

Hoje não estava à mesma hora.

Tomara que ele vá embora.

*Vinicius de Moraes*²

¹ A frase foi tirada de um escrito chamado *Zôo*, sobre bichos de um zoológico da Alemanha, onde ele morou alguns anos. Está na página 1029 da mesma *Ficção Completa*.

² Esta incrível quadrinha está de novo no volume 2 do *Ficção Completa*, do mesmo João Guimarães Rosa. Só que ele disse que ela é uma tradução do inglês feita pelo poeta Vinicius de Moraes.

Este livro de poemas, perguntas e imagens é dedicado a toda a gente com quem eu cresci quando fui uma criança e depois um jovem em dois lugares do Rio de Janeiro: Copacabana e a Gávea. Minhas irmãs e meu irmão, minhas primas e primos, minhas amigas e meus amigos. Um mundo de gente! Algumas pessoas “daqueles tempos” eu ainda sei por onde andam agora, tantos anos depois. De outras amigas e outros amigos não tive mais notícias. No mundo de hoje o tempo faz dessas coisas. Quase todas hoje são todas pessoas que andam embranquecendo os cabelos... como eu.



Antes do começo

Assim que você chegar em alguma página adiante verá que este é um livro de poemas. Poemas muitos deles carregados de estranhas perguntas para crianças, jovens e outras pessoas que sentem o que sabem, sabem e que sentem e pensam sobre o que sabem e sentem. Mesmo quando elas e eles não sabem exatamente o que sentem... e nem sentem exatamente o que imaginam saber. Espero que isto não desanime você!

Não sei se você gosta de poesia como eu. Embora eu tenha quase certeza de que música, lembrando ou não que quase toda a música é uma poesia que se canta. Ou não? Não sei você se aprendeu a procurar algo da beleza e do mistério da vida que nós vivemos através da poesia. E não só a que vem escrita em palavras, mas a que nos acompanha a vida inteira, em tantos e tantos momentos. Por exemplo, você está num escuro e calmo naquela hora em que o pôr-do-sol acabou e a noite veio. Um amigo seu aponta no céu, com o dedo, o brilho claro de uma estrela (algumas delas piscam de várias cores, você sabia?). Se você olhar para o dedo dele, isso é prosaico. Se olhar a estrela e se alegrar da festa de sua luz, isto é poético. A vida de cada dia está cheia de momentos assim. Escolha.

Quase todos os poemas deste livro foram escritos para ele e são novos em folha. Ou quase. Outros foram escritos antes e publicados em outros livros: ***Furundum, O Jardim de Todos, Abecedário dos Bichos que Existem e não Existem, Os Nomes e Orar com o Corpo***. São poucos e alguns poemas destes livros mudaram o título aqui e foram em alguma coisa re-escritos para virem conviver com os outros escritos deste: ***Com letra e com cor***.

Os poemas deste livro também crescem com a idade. Este é um livro que se fosse um pássaro, levantaria voo do galho baixo de uma árvore e voaria cada vez um pouco mais alto. Você pode escolher a altura de seu vôo e voar comigo entre palavras e poemas até onde quiser. Boa viagem! Assim, livro está dividido em quatro momentos: *de manhã cedo, no meio da tarde, ao pôr-do-sol, no cair da noite*. Você verá que cada parte do livro começa com uma pequena fotografia do meu rosto. Na primeira eu tinha três anos. Na última, quase 70!

O que está escrito aqui estava à sua espera. Desde menino sempre achei que pouca coisa neste mundo é tão “uma grande viagem” como a leitura de um livro. Não quero fazer sozinho esta viagem. Vamos juntos!

Rosa dos Ventos, primavera de 2010
Carlos Rodrigues Brandão

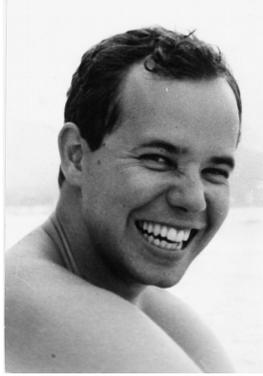


os momentos e os poemas



de manhã cedo

*na sombra da mangueira
passarinhada
o eco e o oco
plantava ninhos nos quintais de longe
e agora longe quando eu me vou
tingir de luzes
depois de quando
no chão de terra
simbad, o marujo
de repente é quase agora
como se fora o vento*



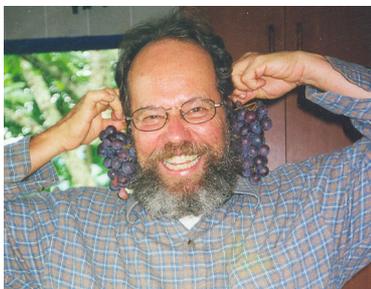
no meio da tarde

*e aprendi a andar fora do trilho
como quem lavra
e eu guardo dele um rastro
alguns pardais estavam sempre ali
o som do silêncio
era uma rua escondida no mato
de toca em toca
e que eu te ame assim
eu sonhava não tanto
um outro espelho espiava
o coelho de Alice
um certo ar de outro
furundum!
maria, vera*

três poemas sobre o tempo

*o tempo... o nada
agora diga... onde?
mas, se for assim*

*e de longe, de repente o que se via
lá do outro lado*



ao por-do-sol

*as palavras, o vento e nós
agora bebe!
como um rio que passa e vai, e flui
do lado de lá
na rede, então
o arabesco
como um presente
quando eu sou
não sei se minto
o que foi nunca
é quando amanhece
é quando as abelhas nos entendem
mas, de repente
na hora em que amanheço
quando a manhã diz ao sol
eu, nascido ave
o sino de Rovereto
se alça Ala
o antes
o rio que assiste mudo e triste
o tempo do tempo*



no começo da noite

muitos... eu

o berrante, o canto

três poeminhas de três ou quatro linhas

um

dois

três

milagre

e quando o teu neto vier em julho

caminhando folhas e veredas

como às vezes

e quando ela chegar

palavras que com a ponta dos dedos traçam

ressuscitar

No começo da manhã

sob a sombra da mangueira

No balanço onde se embala
o menino que ontem eu fui
com o rosto que ontem foi o meu,
me olha vestido de bombachas,
e de botas pretas, do balanço me sorri.

O menino que eu ontem fui
chamado Carlos, como eu,
tem os cabelos cor de sol
e um ar de quem balançando
esquece a vida e sente o vento
como se toda a vida
fosse o embalo do momento.

Vestido de bota e bombacha
no vai-e-vem do balanço de táboas
que o pai dele (e meu) um dia fez,
debaixo da sombra da mangueira
ele balança e se embala sem medo
e sorri... e me chama pelo nome
como quem sabe até mais do que eu
o seu nome, o meu, e o meu segredo.

Subo no balanço e fecho os olhos
e no embalo quando abro os olhos
vejo só um balanço que balança
e embala o vento da lembrança
debaixo da sombra da mangueira
na manhã de um dia que ontem foi.

Pra onde mesmo eu me fui embora?
Como é que ele - ou eu - me some assim?
Pra onde foi o menino de três anos
que debaixo da sombra da mangueira
e no embalo do balanço havia em mim?



passarinhada

O que o sanhaço sonhava
o sabiá sabia.
O bem-te-vi vigiava
o que o curió escondia.
A saracura soletrava
(professora da floresta)
o que o noitibó aprendia.
A seriema chorava
do que o chororó se ria.
O fogo-apagou apagava
o que a coruja acendia.
Até quando a noite veio
e em silêncio silenciou
o que de dia se ouvia...

...menos o bacurau,
que dorme durante o dia
e só começa a cantar
sua triste melodia
quando a passarada sonha
a lua sobe no céu
e a noite principia.

o eco e o oco

E no silêncio
sem nome e dono
de uma noite
sem lua, vento e chuva.
ecava o eco
e ocava o oco:
um na sua toca
e o outro no toco.

Depois... silêncio
como se fosse
dentro dum ovo.

Mas de repente
no comecinho
do repeteco
de novo o novo:
ecava o oco
e ocava o eco.

Então um disse:
agora chega!
E o outro grita:
pra mim é pouco!

E adeus silêncio
tão silencioso!
Pois noite afora
um na sua toca
e outro no toco:
ecava o eco
e ocava o oco.

plantava ninhos nos quintais de longe
(Joaquim, meu pai)

Filmes?

Preferia os mudos
e plantava ninhos
nos quintais de longe.
Queria o bem de tudo
o tempo todo e amoroso
com a vida a cada instante,
convivia com o silêncio
como em sonhos.
Era sozinho entre tantos,
e foi um homem
que nasceu pra monge.

e agora longe, quando eu me vou

Amei o mar.
Foi quando era menino
e molhava os pés na água verde
e queria voar como um herói um anjo.
Gostava de andar pela areia
ali, onde a onda se termina
e desenha na praia o seu destino.
O mar não era mau nem inimigo
e morrer nele era como viajar outro caminho.
E agora, longe, quando eu me vou
por estradas onde há vales e veredas
é o mar que amei quem vai comigo.



Uma moça, Clara

Clara a lua
clareava a luz
de teu cabelo, Clara.
E o colorido
do clarão da noite
brilhava no teu rosto
cor de ouro, cor de prata.

E era coisa rara, Clara
porque não é o azul
dos olhos quem clareia,
a vela acesa desta noite clara
e a lua acesa, Clara,
de tua suave cor de prata.

Mas é tão clara, Clara,
a luz que de ti sai agora,
que tudo clareia
á tua volta, Clara.
E a noite, a lua
e as estrelas de longe
viajam para ver-te
e aprender como ser
assim tão clara, Clara.

tingir de luz

Ainda ontem foi setembro e era
um setembro com cara de menino
cantador de viola e violão
e aprendiz de violino e violoncelo.
Ontem foi setembro no sertão
e o sol veio aprender com o pé de ipê
como é que se brinca de amarelo.



depois de quando

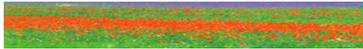
Quando eu crescer
quero aprender
como saber
o que eu não sei
do que eu pensei
e do que senti.



Depois de quando,
depois de tudo
e tanto estudo,
quando eu souber
o que eu não soube
quero esquecer
tudo o que sei
e não senti
e nem pensei.

Quero esquecer
tudo o que eu soube
e é saber solto
que eu não senti
de tudo o quanto
(aqui e ali)
eu aprendi.

Quero então aprender
só o sentir do saber
do sonhar sem dormir.
Pois o sonho acordado
é uma outra maneira
de saber aprender
e aprender a lembrar
tudo o que vivemos
e depois não sabemos
lá bem dentro de nós
onde enfim... encontrar?



no chão de terra

Vamos a um jardim
de manhã cedo
como a borboleta
como uma abelha
como um poeta
ou um colibri.

Vamos ali
atrás de flores:
o seu perfume
e o colorido
do arco-íris
de suas cores.



A um pomar vamos
como o macaco
como a menina
ou um jaboti:
pela banana
ameixa e amora,
lima e laranja
goiaba, manga
e o abacaxi,
a pêra e a maçã,
a tangerina
e a carambola
que estão ali.

Mas... de repente
quem vai a um jardim
ou a um pomar
no cair da tarde
olhar os galhos
secos na árvore?

Quem vai pra ver
O ramalhete
das folhas velhas
secas no chão?



Quem vai pra ver
o que é sem cheiro
sem gosto e cor?
Quem vai ali
para lembrar
que é bela a flor
e a fruta madura
pelo que fazem
bem de-va-gar
todas as coisas
que já sem vida
secam na terra
e se misturam
lá na oficina
de amor e vida
da terra escura?



Iguais... diferentes

Eu queria te dar de presente
um saco de bolinhas de gude
dessas que quando eu era menino
jogava o “zepe” ou a “búlica”
com a “Turma da Rua Cedro”
nos terrenos de terra vermelha
entre os matos lá da Gávea.

Bolinhas de gude chamadas “olhinho”,
todas iguais e brancas cor de leite.
Mas cada uma tingida de uma cor:
vermelho, roxo, azul, lilás, rosa, amarelo.
São todas brancas como o branco
em volta dos olhos de toda a gente.

Mas cada uma é diferente de todas
e mesmo as azuis são diferentes entre elas,
pois cada uma leva pintada no branco da bola
um desenho por um detalhe diferente
de todos os outros olhinhos que há no saco.

Em alguma coisa nós somos assim também.
Pois como tudo o que na vida é vivo como nós,
somos iguais aos outros todos em quase tudo
e somos diferentes de todos em quase nada.

Simbad, o marujo

Era um marinheiro
do Oriente
dado à aventura
ao esquisito
e ao espalhafato.
Sonhava uma princesa
a cada dia.
Um dia beijou uma
de improviso...
virou sapo.

Quem?

(perguntório)

Quem veio?

Disse quem aqui já estava.

Quem chegou agora

e veio vindo

do lado de dentro

que há no fora?

Perguntou quem andava

mais ao longe do que perto

e falava sem saber

que muito embora...

Quem não veio até ainda

e onde desanda quem não anda,

e imagina e já em qualquer hora?

Disse quem também nem veio

e pensou que já voltava indo

pra onde não veio, e já não vindo

nem mesmo esteve onde imaginava

que já estaria antes de sua vinda.

Quem já não veio de vem,

e se existe (o que eu duvido!)

é zero, é todos e é ninguém,

aqui na porta desta casa

onde não há nada de nada

e do lado de dentro

ninguém mora?

Perguntou quem achou

que já era alguém

e não era, e nem ainda fora³.

*Quem vem de lá
e, vindo, já cá está?
Perguntou quem ia indo
pra um canto entre ali e acolá,
e de longe gritou isso
no oco do ouvido do silêncio:
quando ele enfim chegar
digam que eu fui embora,
e o que eu não disse a ele
também não digo a mim,
porque nem sei se estou aqui,
e também não sei a quem eu digo
o que não sei se sei, ou então,
não sabendo se sei... eu esqueci!*

*Quem é que já estando agora
não veio e nunca nem chegou?
Disse irado e aos berros,
e em voz baixa o homem que gritou
pra quem viesse, e vindo isso ouvisse:
Agora chega! Pronto! Basta!
Quem ainda agüenta essa bagunça?
Tanto onde? Tanto como? Tanta pergunta
pra quem? E por quê? Pra que?
Se quem não veio... não veio
(e dá pra ver!)
e não tendo vindo mesmo
não veio, não virá e já voltou!*

*Pra que uma pergunta atrás da outra
(ou na frente, pra que lê de lá pra cá)
se o perguntório sem fim que aqui
foi como a soma maluca*

³ Mesmo sem o acento ^ que agora não existe mais neste tempo do verbo ser, é preciso pronunciar fora, com o “o” fechado e sem nada ter a ver com a palavra “fora” que, neste caso... fica de fora.

*de um zero com outro zero,
e de zero que era se zerou
e não houve , e não havendo não foi nada
e não sendo, não era ou é... e se acabou?*

de repente é quase agora?



O que foi flor
volta a ser árvore?
E o que é pássaro
volta a ser ovo?
Volta a ser velho
O que foi novo?

O que passou
terá passado?
Se for pequeno
em um segundo
se for maior
em um minuto
e muito grande
em uma hora?

E... depois dele,
(do que passou)
(e foi embora)
vem sempre um outro
não sei o que,
que, de repente
é quase agora?



sentado num balanço

(respondendo à pergunta do outro poema)

Já fui assim...
há quanto tempo?
Sentado num balanço
eu balançava
e balançando no balanço
eu me embalava
sem pensar em escola
em “dever pra casa”
e no destino,
como se eu fosse
o vento do mar...
e era um menino.

Era um menino
e balançando imaginava
que tudo o que era bom
nessa vida e na sombra
da mangueira e da manhã
era como eu: alegre
leve e pequenino.

Conhecia só o agora
e o brincar de sempre estar aqui
no ir e vir de um balanço
que balançando ia e vinha
e ida e volta me embalava
num mundo que era como a casa
que de porta aberta me esperava
num lugar onde um balanço
uma manhã de sol e uma mangueira
estavam sempre... ali.



no meio da manhã

O som do silêncio

Qualquer pessoa
pode escutar
sem esforço algum
sem dor nem dó
o barulho das palmas
de duas mãos.



Mas só um sábio
tem este dom
o de ouvir atento
o som do silêncio
do bater palmas
de uma mão só.

Quem? Quem!

Quem não disse
o que ninguém ouviu?
Quem, de tão sábio
falou o som sem som
o que, sem palavras, passa
como passa o vento?
E é bom...

Quem não escuta frases
E ouve o silêncio?
E depois de lido
esquece este poema?

Quem é fora do tempo
e inventa um tempo
em que o tempo
parou para se ouvir
e aprender que eterno
é o que se sente,
e a eternidade inteira
cabe num momento?

como quem lavra⁴

Nasci pra árvore
tatu-peba e traste,
por isso escrevo
como quem escava.
Cresci pra peixe
lagartixa e lesma
caramujo e erva brava.
Por isso escrevo
como quem lavra.

⁴ Estes dois poemas são dedicados a um poeta que mora lá no Pantanal de Mato Grosso. Ele se chama Manoel de Barros e é um poeta entre muitos que você deveria ler do começo ao fim. Já bem velho ele escreveu um livro para crianças e jovens. E eu fiquei feliz por escrever a contracapa dele. Ele tem muitos livros publicados e não faz muito tempo a Editora Leya teve a boa idéia de reunir todos os seus livros em um volume só com este nome: ***Manoel de Barros – poesia completa***. O livro infantil dele se chama: ***exercícios de ser criança***.

e eu guardo dela um rastro

Foi uma tarde dessas, mano
e eu guardo dela um rastro
no alforje das lembranças:
um passarinho zunia no horizonte
e voava de longe pra mais longe,
e era tarde e lento anoitecia
e da noite e do vôo da avezinha
me sobrou este resto de memória
me ficou esse traste de poesia.

alguns pardais estavam sempre ali

Era uma esquina de três ruas em Copacabana.
Havia um poste na curva entre as três ruas.
Um poste quase como os outros em qualquer lugar
com os seus ferros e o cordão dos fios de luz.
Mas aquele era um poste diferente dos outros.
Ele era de um ferro verde, muito antigo
E, como nenhum outro posto da minha infância,
ele tinha uma base de cimento cinza ao seu redor.
E por isso foi o único poste que era também um banco,
ali, entre as esquinas de três ruas em Copacabana,
no Rio de Janeiro, onde eu nasci faz muito tempo⁵.

Havia uma árvore. Havia outras... e eram quantas?
Mais só uma, mais próxima do poste e da esquina
derramava um suave gesto de sombra no verão
sobre o verde do ferro e banco do poste.
Alguns pardais estavam sempre por ali
e se eram os mesmos só eles saberiam.
Eles se aninhavam na árvore junto ao poste
e juntos esperavam um outro pôr-do-sol
para em coro piarem pra ajudar a noite a escurecer.

⁵ Incrível. Hoje é dia 10 de outubro de 2010. Vejam bem: é 10/10/2010. Quando de novo uma data assim vai se repetir? Mas o que eu quero contar é outra coisa. Voltei na semana passada ao Rio de Janeiro. Por acaso passei pela mesma rua Inhangá. E o que foi que eu vi lá, mais de 68 anos depois? Vi o mesmo poste sem fios e de um verde desbotado. Lá estava como sempre, com seu banco em volta na mesma esquina de três ruas. Ele não serve pra mais e está cercado de outros postes mais altos cheios de fios. Não serve pra mais nada, a não ser estar ainda ali, com o seu banco ao redor, onde ninguém senta. Serve só para alguém passar por ali, rever o mesmo poste e lembrar de outros tempos, muitos anos atrás.

Eram poucos os carros e pouca a gente nas calçadas, pois aquela era uma esquina de ruas esquecidas, mesmo estando as três (até hoje) em Copacabana. E assim, o poste, o banco, a árvore e os pardais viviam ali, e hoje fazem ninhos na lembrança, como se aquilo fosse um desenho de outro tempo que a gente olha de passagem muitas vezes e quando cresce, guarda e não esquece mais.



era uma rua escondida no mato

Escondida no meio da mata
num recanto do alto da Gávea
entre morros e floresta de verde escuro
que a nossa fantasia de meninos
povoava de medos e desejos,
minha rua era cercada de árvores,
e tinha nome de uma árvore:
“Rua Cedro”.



Minha casa era grande, branca
e tinha janelas e portas também brancas.
O jardim de minha casa branca
era como os outros jardins da Rua Cedro.
Mas o quintal atrás da minha casa
era quase um quintal sem fim. Sem fim!
Ele era cercado de mangueiras e jaqueiras,
frutas do mato, embaúbas, pés de jambo.
E ele entrava pela mata adentro e ia longe
até onde subiam do chão até quase o céu
os dois morros chamados: “Dois Irmãos”.

Quando cresci um pouco subi os dois
e até hoje carrego dentro mim de mim
essas alturas da Gávea vida afora⁶.



Minha rua era um abraçar de verde,
e assim eu cresci entre arvoredos
goiabeiras e mangueiras, micos
e macacos, cobras e sanhaços e sagüis.
Saíras-de-sete-cores, sabiás, saracuras
Colibris, caturritas, canários e curiós.
Vivemos ali de meninos a moços
sete vidas de alegrias e aventuras
entre a floresta, os morros e os segredos
dos terrenos baldios que eu não esqueço.
Hoje , tantos mundos longe Rua Cedro,
quando sonho e imagino o paraíso
gosto de pensar que eu vivi nele
quinze longos anos de doze meses cada
entre férias sem fim e aulas sem começo⁷.

⁶ De fato devo dizer que durante algum tempo de minha vida no Rio de Janeiro, fui escoteiro e, depois, excursionista e escalador de montanhas. No Clube Excursionista Rio de Janeiro, fiz mesmo durante um ano um curso de “guia escalador”. Com um grupo de amigos – alguns deles meus professores de escalada – participei da conquista (quando se escala um lugar pela primeira vez) do Paredão Baden Powell (o fundador do escotismo), na face do paredão do morro Irmão Maior do Leblon (mas pra nós ele fica na Gávea).

⁷ Há um poema de Vinicius de Moraes, carioca como eu e morador da Gávea muito tempo. Ele também dedicou um poema para a rua onde nasceu. Ele é assim:

e aprendi a andar fora do trilho

(André , meu filho)

Acordei com alma de coruja
em manhã de chuva no arvoredado
e andar de boi em pasto de janeiro.
Queria o resto da sobra do almanaque
e um doutor em piruetas e murmúrios.
Queria desentender de geografia
e dos livros de regras de gramática
onde as palavras sonham a poesia.

Queria mesmo é falar de coisa alguma
numa roda de meninos e mendigos,
de velhos de casaca e saltimbancos
que desenham com o ouro das abelhas
e cantam como o vento que vem vindo.

Eu sonhava suspiros de princesa
por um príncipe que um dia virou sapo
em um mundo todo cheio de domingos

Lopes Quintas (a rua onde nasci)

*A minha rua é longa e silenciosa como um caminho que foge
E tem casas baixas que ficam espiando de noite
Quando a minha angústia passa olhando o alto...
A minha rua tem avenidas escuras e feias
De onde saem papéis velhos correndo com medo do vento
E gemidos de pessoas que estão eternamente à morte.
A minha rua tem gatos que não fogem e cães que não ladram
Na capela há sempre uma voz murmurando louvemos
Sem medo das costas que a vaga penumbra apunhala.
A minha rua tem um lampião apagado
Em frente à casa onde a filha matou o pai...
No escuro da entrada só brilha uma placa gritando quarenta!
É a rua da gata louca que mia buscando
os filhinhos nas portas das casas...
É uma rua como tantas outras
Com o mesmo ar feliz de dia e o mesmo desencontro de noite
A rua onde eu nasci.*

e uma noite de natal em cada mês.
Queria filmes sem nome... só imagens
como um dia eu sonhei e foi assim:
eu acordei jardineiro e bailarina
equilibrista em corda de arco-íris
e inventor de lendas de andorinhas.

Sonhei que eu era um sonho que sonhava
e me acordei entre mago e maravilha
semeando céus de araras e de estrelas
no fundo dos quintais onde há crianças
entre duendes e fogos de artifício.
Me vesti de anjo e de andarilho.
Desandei vida, cresci pulando muros
viajei mundos onde não havia a morte
e aprendi a andar fora do trilho.



De toca em toca

Você ainda acha
que tudo na vida
é briga, pancada
conflito, castigo
desamor, racha
e quebra de braço?

Pois fique sabendo
que o ouriço-caixeiro
vaga pelo mato
de toca em toca
em busca de um outro
bicho de espinhos,
pra um carinho,
pra um abraço!

que eu te ame assim

Desenha, Deus,
no caderno um arco-íris.

És bom pintor, eu sei,
e um bom artista.

Depois cantarola sete notas
como se fosses
meu deus, um passarinho
desses que cantam
quando o sol vem vindo.

Solettra o meu nome de criança
e depois me dá a mão
como a um amigo.

E que eu te ame assim,
devagarzinho,
com velas e preces
pão e vinho,
como se eu fosse um deus
e tu... um menino.



e veio a noite

Veio vindo pela estrada afora
e sem desejo de chegar em canto algum.
Andava por andar e ia andando,
e andando por aí ia sem pressa,
e sem pressa de andar ia parando
pra ver de perto o que ali passava
ou o que estava ali, só por estar.

Se alegrava de ouvir um passarinho
e mais no canto viajava que na estrada.
E demorava em ver um formigueiro
uma bosta de vaca e as borboletas
que ao redor dela tingiam de amarelo,
e ele parava pra ver aquela festa.

E contemplava o voo de um besouro
um raio de sol na gota de água
da chuva que caiu de manhã cedo
e a água que escorria de um regato
a conversa das flores com as abelhas
a travessura de um par de seriemas
o ninho de gravetos de um João-Congo
e o cantório dos canários no arvoredado.
Sentia pena de um morrer de mariposa
e a flor caída e só no chão da estrada.

Passou a tarde e o que ele andou foi nada
e veio a noite, e veio cedo e escura
com um céu sem lua e só com três estrelas
como se a noite fosse um poço fundo.

Quando voltou pra casa perguntaram:
Menino, onde "ocê" foi que ninguém soube?
Não sei não... ele falou. Andei por perto,
mas eu vi tanta maravilha à minha volta
que acho fui daqui ao fim do mundo!



eu sonhava não tanto

De vez em quando,
lá no alto, escalando
os perigos da montanha
e subindo entre pedras
e o imprevisto,
eu olhava “lá de cima”
o mundo “lá em baixo”,
dependurado por uma corda
entre o céu e o abismo.
E eu buscava com os dedos
algum abrigo na pedra
onde me agarrar com força
e prosseguir a subida
pedra acima, palmo a palmo.

Entre aves e amigos,
eu sonhava não tanto
com chegar “lá no alto”.
Sonhava a hora boa da volta
e a fogueira no acampamento.
Sonhava com o cheiro do café
e o gosto do pão amanhecido
que eu deixei “lá” onde estava
para vir “aqui” e escalar a montanha
e subir passo a passo
a montanha dentro de mim mesmo,

e me dizer de novo:
Viu, Carlos? Chegamos aqui!



um outro espelho espiava

(Alice ali, naquele outro país)

Por detrás do rosto do espelho
um outro espelho espiava
a menina que se olhava
e o seu olhar espantado.

E Alice não sabia mais
se era ela quem olhava o espelho
ou se o rosto que havia lá no espelho
era o de outra menina e era o dela
olhando de lá e se vendo do outro lado.



O coelho de Alice

É hora! É hora? É hora!
gritava correndo
o coelho de Alice.
Gritava e corria
E olhava aflito o relógio!

Que maravilha de país
é esse... ora bolas!
Onde até um coelho
tem que ter um relógio?

um certo ar de outro

(Carlitos, quem lembra?⁸)

Deixou, quando foi-se embora
da vida que tanto e tanto ria nele
mais ou menos um pouco disso tudo:
um chapéu preto, velho e roto
dois tocos de cigarro já fumados
e um resto de bengala.

Um certo ar de outro,
um jeito vagabundo
vestido com casaca
puída e de mau gosto,
um par preto de sapatos
um sorriso de anjo,
um lenço que foi um dia branco
e o retrato triste da alegria
que sorria na alma de seu rosto.

⁸ Será que você viu alguma vez algum filme dele alguma vez? Quando Carlitos, o personagem criado pelo ator Charles Chaplin apareceu, ainda era o tempo do cinema mudo. Carlitos era um vagabundo pobre, simplório e generoso. Algumas pessoas chegam a dizer que nunca o cinema do mundo inteiro criou um personagem tão amorosamente humano como Carlitos. Carlos Drummond de Andrade dedicou a ele um dos seus poemas mais bonitos e tocantes. Se você nunca viu, veja! Ainda há tempo. Se nunca leu o poema procure e leia. Vale a pena.

furundum!

E ocava no vão de um vôo fundo
o oco sem-começo de outro mundo.
E era tudo e todos e nenhum!
E era outro e o mesmo e o sim e o não
e era alto e baixo e claro e noite
e ecava o oco e o eco ocava
como um furo no escuro do sertão!

E ara! E ora! E a era não chegara
e era tanta espera e - coisa rara -
quem de nada não sabia perguntava:
O quê? E quando? E onde? Aqui? Agora?
E quem sabia calava e nada não dizia
e no meio da metade meditava:
isso é assim ou foi e não é mais?
E pro eco do oco fundo alguém falava:
o que se faz se quem não veio foi embora?
E quando atrás do quando não tem quem?
E na casa do nada tem ninguém?

E foi a dança sem-fim do dois com o um
ao som de coisa alguma como um zero
à esquerda da soma de nove com nenhum.
E de longe - de tão longe como o nunca -
vinha um eco de sombra e trovoadas,
de trovejo de trovão de raio e chuva
trovoando... trovejando... furundum!
Enquanto ocava o eco e ecava o oco

Trovejando... trovoando... furundum!!!

Maria, Vera

Estive uma manhã
onde nem era, e ora
nunca antes fora⁹
o que há lá fora
de um velho lar
de uma coisa
ou de uma era,
que, entretanto
e muito embora
foi ontem o amanhã
que há no agora.

Maria, que foi Mária
e hoje é Vera
gritava baixo
o que ninguém ouvia:
*O que é a esperança
sem a espera
se tudo o que acaba
é sem começo?*

⁹ Igual ao outro “fora” que apareceu antes aqui. Embora sem o sinal ^ deve ser pronunciado com o “o” fechado. Lembro que e o passado do verbo “ ser”

*Se todo o fogo
foi antes fumaça
e cinza fria?*

o tempo... o nada

O tempo
perguntou ao tempo:
*quanto tempo
o tempo tem?*

O tempo
respondeu ao tempo:
*o tempo tem
tanto tempo
quanto tempo
o tempo tem!*¹⁰

Veio então o nada
E ao tempo disse?
*Quem houve antes
o nada ou o tempo?*

O tempo!
Respondeu o tempo.
O nada!
Replicou o nada.

E como o tempo
tem todo o tempo,
e como ao nada

¹⁰ Isto não fui eu que criei. Na verdade era um “trava-línguas” do meu tempo de criança.

o tempo não passa,
desde então até nunca
eles seguem metidos
nessa briga sem fim
que é uma perda de tempo,
que não vale nada,
e é sempre inacabada.

*O tempo, repete o tempo
Pela toda eternidade.
O nada, repete o nada,
pois o tempo sem o nada
é menos que o nada... é nada
vezes nada, igual a nada!*

*O tempo, replica o tempo.
pois fora do tempo
não existe nem o tempo
e sem haver um tempo
antes do tempo não existe
nada! Ouviu? ... Nada.*



agora diga... onde?

Onde é que estava
o que já era e havia
antes de um tempo
quando nem o onde
e nem o quando
em que alguma coisa
fosse ou houvesse
...existia?

mas, se for assim

Eu queria ser ontem:
segurar o tempo
com as duas mãos
e sonhar que ele
não voa e nem passa
ou passa... de-va-gar.

Mas, se for assim:
se eu não crescer
se ele não passar
o que vai ser de mim
(parado no tempo)
quando vier o hoje
e logo atrás dele
o amanhã chegar?



E foi assim...

Queria não crescer
e não cresceu!
E quando se deu conta
de triste... disse assim:
É tudo igual.
Nada mudou.
Só mudei eu...

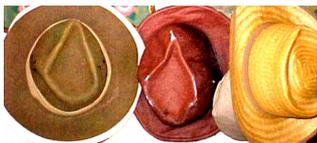
e de longe, de repente o que se via

Lembro de um tempo quente
quando era um mês de setembro
e o pé de Ipê fazia festa no cerrado.
Um boi vinha vindo pela estrada.
Era manhã cedo e o sol era
como um céu de meio dia.
E então era em Minas. Era em Minas
aquela estrada estreita e antiga
por onde o boi viajava e vinha.

E de longe, de repente o que se via
do alto de um monte ali em Minas,
era um boi parado numa estrada
e uma estrada que pelo boi caminha.

lá do outro lado

O que é isso?
perguntava ele,
sem saber ainda
que do outro lado
um isso espiava
e do alto do espanto
se perguntava:
O que é ele?



no por do sol

as palavras, o vento e nós

Nada do que foi dito
foi dito aqui e agora.
As palavras que nós falamos
e também as que ouvimos
não são as nossas palavras.

Elas vieram com o vento.
De algum lugar longe elas vieram.
Nasceram entre outros montes.
São de outras línguas, de outros povos.
Em outros tempos foram pensadas
e foram faladas algum outro dia
sob a sombra de outras árvores.

Um vento veio e colheu as palavras,
como a mão de alguém colhe um fruto.
Como cai da árvore uma semente
E no vôo do vento voam para longe.

Chegaram aqui agora com o vento.

Para e ouve. Escuta e vê o vento!
E é assim: em silêncio o vento vem
e recolhe sem pressa o que se fala.

E as palavras que nós julgamos nossas
viajam em seu sopro (de onde?) até nós.
Algum mar as palavras terão cruzado.
Terão atravessado algum deserto.
Um povoado terão conhecido,
um lugar de homens e de ovelhas
Onde o que falamos se fala em outra língua.

Assim as palavras viajam até nós
como viaja agora a Terra, nossa casa
em direção a uma estrela muito além.
E sentimos que com ela viajamos?
E sabemos com ela... para onde?

E as palavras chegam até aqui.
Com o vento vieram viajando,
e chegam aqui e nos povoam.
E por um pequeno instante,
um momento breve do vagar do vento
as palavras nos visitam de passagem
não como uma casa, mas um barco
que por um minuto abre a janela
e escuta atento o que vento fala.

E então algo em nós nos pensa
e conta um conto, um mito ou um poema
E o que pensamos que sabemos
Em nada é nosso, como não é nossa

a casa em que moramos e nem o barco,
enquanto em silêncio ela nos acolhe
e por algum tempo ali vivemos.

E assim, o que chamamos de silêncio
é apenas o partir e ir embora
em busca de outros mundos, de outras falas
as palavras que achamos que falamos
e os pensamentos que pensamos que sabemos.

bebe agora!

Vê essa concha? Elas são as tuas mãos.
Aperta os dedos como quem faz com elas:
um copo, um pote, uma gamela.
Mas que um pouco de água colhida na fonte
te escape por entre os dedos e caia na terra.
Antes de tomar a tua água dá de beber
a um grão do pó do chão, a um inseto
a uma folha seca, a um galho de aroeira
a um mito de outros povos, a um duende
a um fio de luz do vento, a um ar do sol
a uma criança e a um homem velho, avô.
Dá de beber a tudo o que tem sede à tua frente,
e o que sobra em tuas mãos é a tua parte.
Agora bebe em paz a tua água.
Bebe!



como um rio que passa e vai e flui

Quando eu me olho, de mim não sei,
pois não aprendo a pensar o que eu senti.
E assim me perco às vezes no fugir
de quem eu sou no ser de quem serei?

E então me fujo do ontem que eu vivi
como um rio que passa e vai e flui,
pois não me acho no rosto de onde vim
e nem estou na pessoa de quem fui.

E assim é. E assim viajo e velo e vou
como quem caminha e para de repente
e pensa: *esse sou eu... e eu sou?*
Ou é um outro alguém que em mim se sente?



do lado de lá

Sentado sobre a areia branca
da praia de Copacabana
onde eu nasci num abril
de mil novecentos e quarenta
eu olhava além da areia,
além das ondas, além do mar.

E olhando além do além
eu imaginava, do outro lado, lá
onde é a África, e eu nunca fui,
em uma praia de areias brancas
um alguém nascido num abril
de mil novecentos e quarenta.

Um alguém chamado como?
De onde? De que língua?
Sentado como eu na areia da praia
olhando de lá, além da areia e além,
muito além, além da praia e o mar.

Alguém imaginando um lugar longe
onde um alguém chamado... quem?
Olhasse de lá pra cá e imaginasse
como haveria de ser um outro alguém
nascido como ele junto ao mar
numa tarde qualquer de abril

de mil novecentos e quarenta.

na rede da varanda

Meu coração menino
se arvora de preguiça.
Ele se apressa todo
pra hora do sossego.

Ele olha pro céu
e vê um lago com um barco
voltando da margem do outro lado.
Ele olha pro lado do lago
e vê um mato carregado
de bicho, de sonho e de arvoredos.
Ele vira pro lado e cai no sono.
*Vou dormir de novo
que ainda é cedo!*

lá, num tempo então

Quando começou o que já era?
Quando? Diga se você sabe!
Quando? Em algum tempo aqui na Terra
ou antes do tempo e antes da Terra
e antes do começo de outro mundo
outro planeta, outra galáxia
um outro universo de outra era!
quando foi o que já foi
lá, num tempo então em que
mesmo o tempo nem havia ou era?

Aquilo que depois foi o quê?
E assim foi sendo o que já era,
até quando, em um outro dia
(mas o dia... o dia já havia?)
deixou de ser aquilo
que em um outro tempo existia,
havia sido, fora ou era?¹¹

¹¹ Devo lembrar de novo que mesmo sem o ^ a palavra “fora” deverá ser pronunciada com o “o” fechado, pois é um tempo passado do verbo ser: fora.



o arabesco

para o Ivan

do um pro dois

A fiandeira da teia
da esteira do tempo
pinta e borda de verde
a viagem do vento.
Nem bonita e nem feia
nem menina e nem velha
com a palma colhida
em setembro e com calma
ela molda o retrato
da figura da vida
e do rosto da alma.

do dois pro três

meio bruxa, meio gente
com areia e alegria
ela tece o que sonha

entre o nada e o infinito.
Ela borda e adormece
e desenha no sono
as estórias que aprende
e reconta de dia.
Mas de noite adormece
e ela esquece, ela esquece
e por isso não lembra
o que ontem foi feito
e o que nunca foi dito.

do três pro quatro

De manhã ela escreve
com aquarela e violino
com trovão, chuva e raio
os três nomes do lindo:
bicho, flor e arco-íris.
E num mesmo balaio
de taquara e sereno
guarda o velho e o menino
guarda o grande e o pequeno
guarda o instante e o infindo.

do quatro pro um

E você que é tão sábio
Que viveu tanto tempo
e que lembra de tudo!
ah! você - tempo - conta:
quem no já é ainda
e não veio e foi indo
e já volta na ida?
Quem é casa e é caminho?

E começo e chegada?
E semente e colheita
E renasce onde acaba?

Quem começa onde finda
entre o só e o sozinho:
o repente da hora
demorada estendida
do finzinho do dia
da segunda da quinta
do novembro de maio
no entremeio do agora
do principio da vida?

como um presente

Hoje eu te trago
amada... amiga
um sol de dores
um rol de flores
e as cantigas
que o povo canta
quando é janeiro
a um deus menino.

Refrões e frases
te trago hoje
de um desmazelo
que vida afora
levo comigo
quando o sol conta
qual o caminho.

Trago nos bolsos
os inventários
das melodias
que a morte pinta
e a vida fia:

uma de noite
outra, de dia.

Mas também trago
amiga... amada
flores da mata
cheiros de malva
e madressilva.

quando eu sou

Quem lembra
de mim? Quem?
Quando agora e
ao mesmo tempo
eu sou e não sou
quem eu acho que sou eu
nem tão quando
e nem tanto assim?

não sei se minto

Quando eu me pinto
não sei de mim.
Não sei se minto
pois o retrato
de tão fiel
(dito e não dito)
sai diferente
(assim... assim)
de como eu sou.
De como eu sinto.



o que foi nunca

Trago um alqueire
de terra preta,
da terra viva
do coração.
nas mãos, no canto
trago a alegria
de tanto amor
e trago junto
este poema
que canta e conta:
o que foi feito
o que foi dito
o que foi ontem
o que foi vida
o que foi nunca
por isso é eterno.
O que foi dor
por isso é terno.
O que foi triste
por isso é nada

e sendo assim
e só o começo
do recomeço
do andar de novo
na mesma estrada.



é quando acontece

quando ninguém diz
a palavra alguma
e nada se escuta
do que se cala
é quando acontece
este milagre:
de dentro do nada
o silêncio fala.

é quando aconteceu

Pensava que pensando
não sabia
a não ser o que
pensado... acontecia.
Um dia não pensou.
e aconteceu
que, não pensando,
ele soube o que sentia...

O menino

O menino que brinca
joga, “pinta e borda”
é a criança travessa
que depressa atravessa
com barulho, bagunça
e travessura
a casa que a mãe arruma
de novo... todo dia?

Ou ele, que joga,
brinca, “pinta e borda”,
é o pequeno equilibrista
vestido de aprendiz de saltimbanco
que ensaia a sério a aventura
da hora de inventar quem ele é?

Ele brinca, ou atento espera
a hora de acordar o artista
que dentro dele mora
e dorme e sonha... agora.

é quando as abelhas nos entendem

O que dizemos alto não ouvem as rãs,
as estradas de terra, a flor do ipê,
a água do lago e o ouvido do vento.
Mas o que falamos em silêncio
são gestos que a vida vem e escuta.
O orvalho da manhã ouve o que falamos
e conta ao capim como surgiram
o sol, a lua, o sapo e o bicho-homem.

Quando conversamos em silêncio
é quando as abelhas nos entendem
e as estrelas nos escutam quando a noite.
Pois quando se pensa que nada foi dito
de tudo o que é preciso conversar
é quando se pronunciam as palavras
de que as nossas almas se alimentam
e de que o universo sente a sua vida.

mas, de repente
(o mesmo, de outro jeito)

De todo lado
tudo é ruído
e à nossa volta
tudo é rumor.
Mas, de repente
vem a hora quando
os passarinhos
os grilos, sapos
tudo o que vive
para o barulho
por um momento
pra ouvir atento
o som nenhum
do bater de asas
de um beija-flor.

a hora em que amanheço

Do acaso inesperado
surge a espera
de que coisa alguma
aconteça agora.
Nada existe dentro
pois não há nada fora
e nem sempre o verão
vem depois da primavera.

Meu coração me esquece
E não sente e nem decora
o abecedário do Carlos
que ontem eu fui.
Ele sonha o que eu não sei
e eu sonho noite afora
com um lago verde em mim
um lago que foi lago
e hoje é um rio azul... e flui.



Flui a vida? E a vida é o que vivi?
E nozes fora... sobra nada?
E é dela que eu lembrava
quando acordei e esqueci?
E é na noite escura ao meio dia
a hora em que amanheço?
E a casa de esquina onde eu moro
é a ponte sobre o rio de minha estrada?

No sono eu sonho? Sonhei
que me sonhava um dia
e no sonho que eu sonhara
sonhei que um outro havia em mim.
E ele sabia e me lembrava até
o que antes eu era e me fugia.
E foi quando do sono me acordei,
e o que não nem era então, agora é,
e assim...



quando a manhã diz ao sol

Existimos aqui ou quando?
Um cair de gota de água na água
é uma gota, é água... ou somos nós?
Somos o tempo do pio de um passarinho?
O bater de asas de uma abelha somos nós?
Somos o vento que passou antes de vir
E não sabe de onde veio e pra onde vai?

Somos um primeiro clarão do sol da manhã cedo
ou o que há entre a noite e a chegada dele
quando mal a luz clara clareia o arvoredado
e banha de vida o que da terra vive e sai
Quando a manhã diz ao dia: *é hora... acorda?*
Somos quem fomos e quem sonha ser alguém?
Somos eternos como a flor que flore nesse dia?
Ou somos passageiros como a terra onde ela cai?

eu, nascido ave

Sonhei que eu era um passarinho. Sonhei isso e no meu sonho o que eu era antes eu agora não sabia. Não lembrava de mim, e achava bom! Uma flor? Um anjo? Um menino? Quando acordei era um pássaro. Quando abri os olhos e me olhei me vi coberto de penas. Então nem precisei pensar e nem susto eu não levei. Sonhei que eu era um pássaro de penas pretas e amarelas. Acordei um pássaro de penas amarelas e pretas. Um pássaro bem igual ao do meu sonho. Eu já não estava mais na minha cama, num quarto de minha casa. Estava num ninho do galho de uma árvore na frente da minha janela.

Quis voar. Saí com um salto do ninho para o galho do ninho, e abri as asas. E voei sem pressa e sem medo. Voei pelo ar acima da terra e embaixo do céu e das nuvens, igual como no meu sonho. Sempre se voa quando se sonha. Não tenho pressa e não tenho medo. Tenho saudade dos meus pais, dos meus irmãos e dos meus amigos. Vejo de longe e de perto a tristeza no rosto deles e sinto pena. Mas não de mim. E sei que eles sofrem e é só por algum tempo. Que festa vai haver quando eu voltar a ser gente de novo! Sim. Porque eu sei: eu, um passarinho que pia e pensa. Um dia eu vou sonhar de novo quem eu fui. Vou sonhar o menino que eu sou dentro do pássaro que eu virei

quando sonhei ser um passarinho. E quando acordar vou ser de novo o menino que eu era. Mas antes disso eu quero ser passarinho muitos dias de muitos voos. Eu era agora uma avezinha dessas que vivem em bando. Logo aprendi a viver entre os meus irmãos de asas amarelas e pretas como eu. A gente vivia em bando, juntos, e isso era bom. Pois voar junto é sempre melhor do que voar sozinho. Vivi ave e aprendi a ter outras coragens diferentes de quando eu era um menino. As árvores eram minha casa e o céu era o meu mundo. De vez em quando descíamos na terra para catar uma comida diferente das frutas doces que algumas árvores nos davam de graça . E foi quando um gato pulou para pegar o passarinho, ele já caiu no colo de um menino. O menino era eu. Por enquanto não me preocupo com isto, mas acho que vou gostar de ser menino outra vez. Como será que meninos que foram pássaros têm saudade dos longos voos que eles aprenderam a dar um dia?



O sino de Roveretto¹²

Aqui por onde passa o rio Ádige,
na Itália, fundiram os homens
as balas das armas de fogo
com que os homens se matam
de tempos em tempos
para serem senhores
de rios como o Ádige
e terras como o Tirol.

Fundiram canhões e fuzis
e do caldo quente, cor de bronze
fizeram na oficina em Roveretto
um sino enorme E ele soa longe
entre os campos do Sul
e entre os montes dos Alpes.

Gravaram nele nomes de homens
que um dia tombaram em guerras
de um lado e do outro do Ádige.
Em nome
do quê?
de quem?
porque?
E o rio quando passa
ao lado do sino
silencia e escuta
a canção que o sino canta
e repete enquanto canta:
Haja a paz!
Haja a Paz!
Haja a Paz!

¹² Roveretto é uma cidade do Norte da Itália. Ali existe um centro dedicado à paz. Algumas vezes no dia um grande sino toca desde Roveretto. É dele que fala o poema.

se alça Ala¹³

Se alça Ala
por ver o rio.
Por isso a igreja
tem torre alta.
Por isso as casas
sobem nos montes
e escalam neves
por ver do alto
o rio Isarco.

Se alça Ala
a ver o rio
quando ele passa
ao lado de Ala.
E o rio que passa
vindo dos Alpes
em fundos vales
alteia em Ala
o vôo lento
de seu passar.

Lento e ligeiro
o rio soletra
ligeiro e lento
terço e rosário
de peregrino.

Rio de veludo,
verde-azulado
desce o Isarco
como um romeiro
antes de Roma
tão longe, ao sul.

¹³ Talvez seja bom explicar que Ala é uma dessas pequenas aldeias italianas a caminho dos Alpes. O rio Isarco nasce lá e passa por Ala

Num tempo antes,
verdes pinheiros
brancas as neves,
entre outras eras
de um tempo quando
de Ala ao vale
nada existia.

Cidade alpina
vila de estrada
agora em Ala
a vila se alça
a ver o Isarco.

Até quando, Ala?
Até quando, Isarco?
E quantas vezes
de quantos dias
em quantos anos
de outras línguas
por aqui haverá
passado o Isarco?

Terá viajado
sem esse nome:
Isarco, o rio,
por outras vilas
sem o nome: Ala?

Aqui onde hoje
Ala se alça
por ver o Isarco.

E quem hoje passa
e longe vê Ala
e olha o Isarco
aprende e sente
que o Rio e Ala
têm olhos
e se olham,
têm alma
e se amam.

no verão de qualquer hora

Era um tempo – foi e era
e era o mesmo. Era um tempo
e era antes... muito antes.
E era longe, longe e era sempre.
E era um quando tão antigo
como um ar de chuva fina
trovoada e pé de vento
de uma estória de menino
de gato, fada e de duende.
Era como alguém chorando
na janela de um trem partindo
no verão de qualquer hora
de um dia doze de dezembro.
Mas era um céu de outono
e a tarde triste e marinheira
viajava devagar a uma ilha,
a uma terra sem um nome ainda,
em um lugar tão longe
e depois de um outro lugar
mais longe, bem mais longe ainda.
E era assim... e foi embora.
E senão quando, de repente
no meio desse instante triste
(triste de triste, mas não tanto)
um sorriso chegou onde era o pranto.
E então virou claro o que era escuro,
e ficou sendo espanto o que era susto,
e acabou sendo aqui o que era longe,
e virou agora o que era antes.

e o rio assiste, mudo e triste

Agora, ali onde sempre é longe
um boi berra, outro responde
e o vento é como sempre: ele ressoa
entre o que foi vereda e hoje é pasto
e o odor da terra agora é outro e triste,
e no mato um bicho grita e outro ecoa.

No cerrado um tapete cobre o chão
em tudo parecido com ele mesmo
e é verde, cinza e cor de areia
sem mais o desenho e a cor de vida
que as águas quentes de janeiro
multiplicam no corpo do sertão.

As maritacas voam e gritam
perguntando por mangabas
por caju, guariroba e pequi
e o rio assiste, mudo e triste
o sumir de pacus e piaparas
o secar das águas das veredas
e ao lento morrer do buriti...

o tempo do tempo

Se o hoje já não é o ontem
e nem o amanhã é o agora,
será que algum dia volta
pra vir-a-ser outra vez
o que um dia foi embora?

Mas se o hoje já foi o ontem
e vem do agora o amanhã,
se tempo nasce do tempo...
o que será do que à tarde
já era assim de manhã?



o começo da noite

Três poemas sobre a Lua Cheia no sertão de Minas

O primeiro

No sertão a lua cheia aquarela o ar da noite.
Entre areias e águas quietas da vereda
ela espelha o seu rosto pintado de pequi
laranja claro, doce caroço que o céu rói.

Quieto é tudo e à meia-noite o rio se espelha
e espera pelo vôo de uma ave. Nada voa
e nada anda no tapete prata dos gerais.
E se há luar, o que nele é luz clareia
o que o cerrado em maio colhe e mói.

O segundo

Não há prata nas minas, nem há ouro.
Aqui só a água das veredas é o que mina
na terra ocre, amarga e avara do sertão.
Com carinho de alma o luar da lua cheia
branqueia com a cor da prata que ilumina
o que foi ontem sol e é sombra à noite
entre as oito-e-vinte e as dez-e-meia.
E a noite adormece o que foi vida ao dia
e agora rebrilha na luz clara que há no chão.

O terceiro

Uma só ave que voasse agora
(um urubu, um manuelzinho da coroa)
moveria a alma dessa noite tecelã
que a lua cheia do sertão acende e acorda.
O verde cinza do cerrado é anil e cor de água
e o que dizer dessa noite como um dia?
O que dizer de seu ofício de artesã?
Fiandeira, a lua nada acende, apenas borda
O pano do luar que ela tinge, tece e fia.



e veio rolando pela enxurrada abaixo

Por aqui os jardins nas ruas não existem
e nem há praças velhas onde o coreto divide
o sábado entre passarinhos e retretas.
Aqui as crianças aprendem a catar nos rios da chuva
os restos do que sobrou em alguma casa acima
e veio rolando pela enxurrada abaixo.

Catam o que desce na corrente da rua com isso fazem
os brinquedos de pedaços das sobras de domingo:
latas de cerveja viram carrinhos coloridos
e caminhões foram um dia garrafas de plástico.
Pedaços de madeira, seixos de tijolos restos de lixo
constroem aqui pequenas cidades de mentira e magia.

Nas ruas de terra os meninos empilham a pilhagem
recolhida dos restos da vida e das enchentes.
No barro macio da manhã constroem casas
onde uma vida mais feliz pudesse ser sonhada.
Onde uma vida sem medos pudesse ser vivida
como deveria acontecer na vida das crianças,
antes e depois das chuvas e das enchentes...

quando a chuva

Quando acaba
o que começa?
E onde fica
o que termina?

Quando a chuva
cai no chão
ainda é a chuva?

Se o chão vira
poça d'água
ainda é o chão?

Quando a poça
seca e é buraco
ainda é poça?

E o sol que seca
a poça... é sol ainda
quando a noite chega
e tudo finda?

E de manhã
quando é claro
o que e da noite?

E o vento
quando não venta
ainda e o vento?

o sonho onde dorme e sonha

Quando eu durmo e sonho
o homem que aparece
no meu sonho... sonha?

E eu? Eu sou eu mesmo
ou eu sou só o sonho
de um homem com sono
que dorme e me sonha?

E quem é que sonha
o sonho onde dorme e sonha
o homem que a mim me sonha?

Será que sou eu, com sono,
quem quando adormece sonha
o sonho onde dorme e sonha
o homem que então me sonha?

E quando é hora e eu acordo
o que será feito dele?
Do homem que eu sonhava
que adormecido me sonha?

mas agora... quando

Ontem eu pensava estar vivendo
o que hoje sei que eu não vivi.
Mas agora eu sei que hoje eu vivo
o que antes eu pensava que vivera.

Eu imaginava antes que sentia
o que hoje eu vi que não sentira.
Mas agora sei que eu sei sentir
o que antes eu achava que senti.

Eu julgava antes que eu sabia
o que eu hoje sinto que não soube.
Mas agora, quando penso eu sei
o que ontem eu não sabia não saber.

um sonho quando

Quando eu acordei
de um sonho
descobri que acordado
eu de pé sonhava ainda
o que eu sonhara dormindo.
E no sonho que eu sonhava
sonhei que sonhava até
quando, sonhando, acordava.

outro sonho... ainda

Com quem mesmo é que sonhava
o homem que eu vi sonhando
dentro de um sonho de ontem?
Um homem só, sonolento
e sonhando o seu sono solto
como quem com pressa dorme
pra sonhar adormecido?
Será que eu também dormi
Pra ver se eu sonhava ele?
Será que eu sonhei com ele
pra ele sonhar comigo?

porque nem sempre



Não apressa o sentir
da hora do momento.
Não apressa nada
com a pressa do repente:
nem o sonho da terra
e nem o doce e lento
trabalho da semente.

Não apressa a vida
não pensa em nada
e sente só esse bem
de sentir sem pensar
e ser sentente.

Não pensa nada sério
e nem decora o que o seu
coração não quer lembrar.
Porque nem sempre
o sentimento gosta
de pensar o que ele sente.

a casa-eu

Quantos rostos de eus vivem em mim
para que eu me sinta um só: eu mesmo?
Quantos quartos escuros e porões trancados?
quantos recantos de penumbra, luz-e-sombra
sombra-e-luz? Quantos foram? Quantos são?

Quantos quartos grandes abertos entre janelas
e quantas salas de portas escancaradas
e varandas sem grades e sem medos?
Abertas de par em par para quem entra
e quem sai, para quem veio e quem volta,
para quem chega e para quem vai embora?

Quantos becos em mim e corredores
e quantas escadas e sótãos por cima
de minha arquitetura de casa e de ruína?
Quantas cozinhas de fogões com fogo aceso
e banheiros de azulejos frios e roupa suja?

E um jardim com borboletas e flores
e os fundos de um quintal com sombras
de árvores, de segredos e também das sobras
de quem eu fui e não me lembro agora
entre os restos quebrados de quem sou?

Esta casa, uma e tantas, ao sol e á chuva
é fechada e aberta, é de todos e e secreta.
E hospitaleira e hostil, quente e fria, clara e escura
fácil e difícil, segura e perigosa
decifrada e desconhecida de outros
e também de mim.
A casa onde moro... e sou eu.

Tão pequenina às vezes, *minha* casa
que parece que mal *me* cabe à noite.
A casa que eu conheço de olhos fechados
há muito tempo, muito tempo mesmo!
Mas às vezes tão grande e misteriosa
que de repente eu quase me dou conta
de que de toda a casa, a casa inteira,
eu conheço uma pequena parte, pequenina.
Aquela que eu imagino que seja toda a casa
ali, onde talvez seja sempre a minha casa.
Ou ali, onde talvez nem haja casa alguma.



e ele me espelha

Me espio no espelho
e ele me espelha
na imagem do rosto
de meu outro
o eu onde me olho
e não me vejo.
Onde não vejo
ninguém quando me busco
e me encontro
quando vejo o outro.



Muitos, eu



Além, muito além de mim mesmo
e bem além de todos nós, de todo mundo,
eu sou, estou e nós estamos: sou e somos
você, eu, a gente lá de casa, todo mundo
semeadura das estrelas e da mão da Vida.

O outro é uma pessoa como eu sou
mas a pessoa do outro, como a minha
sai de si e se estende a tudo à sua volta:
à teia da vida e ao seu mistério,
a tudo o que há e nos une e entretece
no tecido da toalha do Universo...

Livre de ser apenas o meu corpo
atado a um eu, eu sou em meu espírito
uma fração do ser de tudo o que existe
e o todo de tudo é e está em minha alma.

E se eu posso olhar o céu à noite
e contemplar as estrelas, é só porque
de algum modo elas estão dentro do mim.
A mente com que medito sem pensar
bem mais longe do que alcançam
o poder das palavras e o vôo das idéias
compreende o que o coração sente além de si
quando o amor o estende além de mim.
Então, livre de me ser e sendo tudo

eu sou... enfim, em nos, em tudo!

poeminhas de três ou quatro linhas

um

Era cego
e sonhava conhecer
as cores
como se elas fossem
o odor das flores.



Dois

a alma da lua
morou em mim.
Eu, de repente
Todo de prata.



Três

Antes essas asas eram
como as de um pássaro.
Eram como um voo, asas
de quem o vento é amigo.



milagre

E alguém de repente risca um fósforo
e acende a chama de uma vela.
Então a manhã chega mais cedo
na aurora colorida desse gesto claro,
tão simples como um lenço branco
que a menina perde enquanto corre.

Alguém clareia o mundo e vai embora.
E não deixa nada a ser a luz acesa
a quem chegue sem saber sequer o nome
de quem, sem saber, acendeu na vela
a luz que faltava ao luar da noite.

e quando o teu neto vier num julho

Escuta. Já que comes esta fruta
agora, quando é cedo aqui e há sol
na beira deste quintal de teus avós,
porque, ao invés de cuspires os grãos
como quem despreza o que não é doce,
porque não te curvas um pouco sobre o chão
e não te ocupas por um momento
em semear aqui e ali algumas sementes
que o teu gesto transformará em árvores?

Um dia, que a vida também faça o mesmo
com o teu corpo, já sem o dom do sopro.
E quando um teu neto vier num julho
e comer um fruto da planta que semeaste
sem saber o que faz, ele te fará eterno.

caminhando flores e veredas

Carregava sapos na algibeira
e nos cabelos pendurava borboletas.
Era um violeiro de violinos
saraus, silêncios, trens de corda
sabiás e rabecas madrugueiras.
Quando morreu um dia
viram a sua alma de poeta
caminhando flores e veredas
orquestrando corais de bailarinas
conversando com olindas e arapongas
e poetando entre os galhos das mangueiras.

como às vezes as crianças

A tudo a natureza
inunda de aves calmas.
Vagarosas no voo
como os velhos.
Sábias no que calam
como às vezes as crianças.

e era suave

Era fria a tarde
e era suave.
O céu azul e branco
era saia de fada,
e a tarde inteira
serena, serenava
à espera do voo
de dois pássaros.

e quando ela chegar

Eu já vi muita coisa
e falta um tanto a ver ainda!
Mas o que eu nunca vou ver
é a cara da minha morte.
(E eu nem sei se isso)
é um azar ou uma sorte).

Enquanto ainda estou vivo
(como agora, eu imagino)
e a minha vida eu vivo
pela vida agora e afora,
ela ainda não chegou.

E quando ela chegar
(quando for a hora)
eu não estou... nem aí,
pois pouco antes dela vir
eu já terei ido embora.



Quando o silêncio fala agora

Qual a estranha memória dos espantos?
Os sorrisos da fala, o sotaque da avó,
o milagre de uma árvore que foi sombra
que foi sonho, solidão e foi semente.
E o que resta de tudo o que foi ontem
como os fonemas que cachorros e meninos
conseguem soletrar quando eles sentem?

Quais são os segredos dos nomes sem idade,
Como a palavra “casa” ou a palavra “ninho”?
Ou o com que falam anjos, anões e bailarinas
No que acordam e contam o que sonham
quando o dia nasce, aos passarinhos?

O que a gente diz quando se cala
e lá de dentro de nós saltam pra fora
em palavras das cartilhas da escola:
amora, aurora, agora, hora e... ora?

O que é dizer quando a palavra é: amor,
e a gente cala, enquanto a mão direita
procura com ternura o rosto de um outro
e entre o rosto e a mão um gesto fala,
e entre a mão e o rosto nasce uma flor?



Ressuscitar

Que o meu corpo
alimente um pé de cedro.
Que minha alma
o embale com o vento.

